

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

S. FRANCISCO XAVIER NAS TRADIÇÕES DA CIDADE DE LISBOA.

CHAVES, Luís

Ano: 1953 | Número: 63

Como citar este documento:

CHAVES, Luís, S. Francisco Xavier nas tradições da cidade de Lisboa. *Revista de Guimarães*, 63 (1-2) Jan.-Jun. 1953, p. 158-177.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

S. Francisco Xavier nas tradições da Cidade de Lisboa

POR LUÍS CHAVES,

Do Museu Etnológico do
Doutor Leite de Vasconcelos (Lisboa)

I
Nota de História

Diogo de Gouveia, o Velho, que fundara em Paris o Colégio de Santa Bárbara, comunicou em 1538 a D. João III a existência auspiciosa da Companhia de Jesus, que, no apostolado e no ensino prestaria assinalados serviços a Portugal. Entusiasmado com a informação, o Rei escreveu a D. Pedro de Mascarenhas, seu embaixador em Roma; queria que ele conseguisse de Paulo III, Pontífice reinante, autorização para virem a Portugal, com destino ao Oriente, alguns padres do anunciado Instituto.

Entre as missões diplomáticas de melindre, de que D. João III encarregou o seu amigo e estribeiro-mor, esteve o de trazer para o Reino alguns dos membros da Companhia, que tão vasto e fecundo campo de acção teve na Metrópole e no Ultramar (1). Queria-os o Soberano com o objectivo cristão de os levar à Índia, de tão necessários que eram para apostolização do Oriente, fundamental espírito de toda a acção portuguesa nas terras longínquas. Depois de os ter cá, porém, nas pessoas dos primeiros

(1) D. Pedro de Mascarenhas teve de D. Manuel, em 1520, a missão de sondar a foz do rio Martim, em Marrocos, e escolher terreno onde se edificasse um forte, para deter o curso dos Mouros de Tetuão: *História de Portugal*, ed. de Barcelos, vol. III, David Lopes, pág. 539. Missões diplomáticas de D. João III: *Id.* vol. III, Newton de Macedo, págs. 279 e ss. Em 1554-1555, exerceu o cargo de Governador da Índia, onde neste ano morreu: *Hist. de Port.*, id., vol. IV, Jaime Cortesão, pág. 71. José Cassiano Neves, «Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira», in *Ocidente*, Lisboa, 1940, vol. XI, págs. 89-90.

representantes, dividiu-lhes a obra reclamada: Francisco Xavier foi para a Índia, Simão Rodrigues ficou em Lisboa, onde fundou o primeiro Colégio da Companhia em Portugal e no mundo, instalando-o, por concessão régia, no Mosteiro de Santo Antão, à Mouraria, já desabitado de monjas.

A correspondência de D. João III com o seu embaixador em Roma principiou a 4 de Agosto de 1539. A 10 de Março de 1540, D. Pedro de Mascarenhas informava o Rei, depois de entendimentos com Paulo III e com Inácio de Loiola, que estava em Roma, do consentimento dado pelo fundador da Companhia, para que viessem para Portugal dois padres dela com destino à evangelização do Oriente: um deles era português, o P.^e Simão Rodrigues; o outro era espanhol, Nicolau Bobadilla.

Simão Rodrigues, apesar de muito combalido ainda de febres quartãs, saiu de Roma e embarcou para o Reino a 5 de Março com a bagagem e os criados do embaixador. Nicolau Bobadilla adoeceu gravemente, e, por isso, foi substituído; veio em vez dele o próprio secretário de Inácio de Loiola, que era o P.^e Mestre Francisco Xavier, oriundo da Navarra; este pormenor, o de o fundador da Companhia ter prescindido, naquela hora, de um auxiliar precioso à sua acção directiva, mostra o empenho que teve em servir D. João III e aproveitar a sugestão do soberano português para começo da realização dos objectivos do apostolado fora da Europa.

Francisco Xavier partiu de Roma por terra a 15 do mesmo mês de Março, com o embaixador de Portugal. Entraram em Portugal por Almeida e Trancoso (1), e chegaram finalmente a Lisboa no dia 28 de Junho (2).

(1) Francisco Rodrigues, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Vol. I, Tomo I, Lisboa, 1931, pág. 240, n.º 2. As citações desta obra, salvo indicação contrária, referem-se todas a este mesmo volume e tomo. Contam que em Malaca defendeu Francisco Xavier as vidas e os bens dos mercadores naturais de Trancoso.

(2) Francisco Rodrigues, *O Dr. Gouveia e a entrada dos Jesuítas em Portugal*, in *Brotéria*, Lisboa, 1926, vol. II págs. 267-274, e *História da Companhia*, págs. 230-231 e 235-241. Domingos Maurício, em *Brotéria*, vol. LV, 1952, págs. 457-458. Serão

D. Pedro de Mascarenhas recomendara a Simão Rodrigues, incapacitado de vir por terra, que, apenas chegasse a Lisboa, partisse para a *Quinta de Palma*, no termo de Alcácer-do-Sal, propriedade da Casa do embaixador, e aí convalescesse e renovasse forças, até ele ir juntar-se-lhe na companhia de Xavier: «casas de campo mui nobres, por ser o sitio mui bom para passar o inverno e tempos de primavera», afirma António Franco.

Começam aqui, com este facto, as tradições populares e familiares, que por séculos envolveram os dois primeiros padres da Companhia, que vieram a Portugal, e sobretudo se individualizaram e fixaram em Francisco Xavier.

D. João III não deixou por muito tempo o P.^e Simão Rodrigues no descanso da Quinta de Palma. Estava ansioso por vê-lo, falar-lhe e colher dele informações pessoais e directas da Companhia incipiente e já com tão grande aura de apostolado em acção. No dia 17 de Março, o recém-chegado estava já em Lisboa. O Rei recebeu-o cordealmente no *Palácio dos Estãos* (1), no Rossio, e instalou-o no *Hospital Real de Todos os Santos*, na mesma Praça (2).

mencionados a cada passo: António Franco, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na Corte de Lisboa*, Coimbra, 1717, e *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra*, Tomo I, Évora, 1719, e II, Coimbra, 1719; e Baltasar Telles, *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal*, Lisboa, 1645-47.

(1) O Palácio dos Estãos foi fundado por D. João II. *Estão Estãos, Estalagem, estalagens*: Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *Elucidário das Palavras, Termos, e Frases, que em Portugal antiguamente se usarão...* Tomo I, Lisboa, 1798, págs. 416. Júlio Castilho, *Lisboa Antiga*, vols. I (págs. 65, 66, 301-302), V (112-115) VII (196, 215 e 246).

(2) ... «continuando El-Rey Dom Manuel a Igreja do Hospital Real de todos os Santos (a que deu principio El-Rey Dom João o II) obra em tudo magniffica, & Real...», afirma Fr. Agostinho de Santa Maria, no *Santuário Mariano*, Livro II, Tit. I, págs. 305, 2.^a ed. Lisboa, 1933. Diz Garcia de Resende, na *Chronica de D. João II*, que em 15 de Maio de 1492 o Rei o mandou «fundar e começar os alicerces do Espirital Grande de Lisboa, da invocação de Todos Santos», na horta do mosteiro de S. Domingos; incorporava num único



S. FRANCISCVS XAVERIVS INDIE ORIENTALIS APOSTOLVS

S. Francisco Xavier

Gravura de A. Goutiers e Jacobetis de Man J[unior]

Passados alguns dias, Simão Rodrigues passou do Hospital para a *Real Aposentadoria*, também no Rossio, fronteiro ao Hospital, e onde eram acolhidos os embaixadores estrangeiros, depois que D. João III se instalou nos Estaus que a princípio lhes eram destinados.

O Palácio dos Estaus, de grande volume e construção medievalsca, entre duas torres maciças, de corucheu cónico, ficava no canto NO do Rossio. O Hospital ocupava, com a igreja ao centro de toda a fachada e de arcada aberta para a Praça, todo o lado oriental dela, desde o Terreiro de S. Domingos até à Rua da Betesga. A Real Aposentadoria, Aposentadoria Real do Rossio ou Aposentamento Real era em frente do Hospital, do outro lado da Praça, portanto muito na vizinhança do Palácio dos Estaus.

Francisco Xavier chegou, quando Simão Rodrigues estava já instalado. Ou por confusão, provocada pela primeira estância de Simão Rodrigues no Hospital, ou pelo motivo de frequência dos dois nas visitas aos doentes, e ainda pela acção apostólica de ambos na igreja hospitalar, afirmou-se que Francisco Xavier também estivera instalado no Hospital, o que relacionou o Santo com esse instituto nas tradições de Lisboa.

De qualquer dos aposentos de Simão Rodrigues e, depois, de ambos os padres, podia D. João III chamá-los, quando precisava de conferenciar com eles. O P.^e Manuel Godinho, referindo-se à morada deles, disse que «posavam en unas casas en el Rosio... como El-Rey posava en los Estaos e ellos tan cerca...» (1)

hospital os numerosos hospitais, que havia dispersos pela Cidade no século xv. Na *Estatística de Lisboa de 1552* diz-se que D. João II deixou as «paredes engallgadas»; e no testamento de 1495 determinou que se continuasse a construção do edificio, o que D. Manuel cumpriu: Ângelo Ribeiro, in *História de Portugal*, de Barcelos, Vol. IV, págs. 557 e ss. (Cap. III: «Hospitais Reais — Misericórdias»). Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, págs. 244, n.º 2.

(1) Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, página 234, n.º 2.

Francisco Xavier veio três meses depois de Simão Rodrigues, e instalou-se junto dele na aposentadoria régia do Rossio. Ligados, porém, os dois padres na fama popular e não popular, confundiram-se os passos de ambos e o prestígio criado; como dos dois foi Francisco Xavier o Apóstolo da Índia, depois o Beato e por fim o Santo, foi-se concentrando tudo que havia, de memórias públicas e particulares em tradição pouco a pouco formada, na pessoa do Santo. E assim, a *Quinta de Palma*, os *Estaus*, o *Hospital Real* e a *Aposentadoria* foram fornecendo as contas da cadeia de rosário de S. Francisco Xavier nas tradições cidadinas.

O Rei e a Rainha, uns dias depois da chegada de Francisco Xavier, receberam nos Estaus os dois Jesuitas; recomendaram-lhes a direcção espiritual dos filhos e da juventude da Côrte (1). D. João III ainda os destinava a ambos ao Oriente.

António Franco admite que Francisco Xavier, porque veio por terra com D. Pedro de Mascarenhas, tenha descansado com ele na Quinta de Palma; de lá teria descido o Sado num bergantim até Setúbal, para se dirigir por terra a Lisboa (2). O embaixador manteve-se na Quinta; Francisco Xavier, tempos depois, visitou-o lá: a qualquer das duas viagens, talvez à primeira, se referirá a tradição, existente nos séculos XVII e XVIII, de ter desembarcado na praia contígua ao castelo de S. Filipe, sobre a rocha em que se afirmava ter saltado (3).

Por voto de humildade, os dois Jesuitas, embora o Rei lhes garantisse aposentadoria e alimento, solicitaram-lhe permissão para esmolarem diariamente na Cidade, o que praticaram por algum tempo. O produto das esmolas levavam-no aos enfermos do

(1) Os Infantes eram: D. Maria, de 13 anos, e D. João, com pouco mais de 3. Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, pág. 242-243.

(2) António Franco, *Imagem da Virtude... na Côrte de Lisboa*, pág. 61. Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, págs. 231, n. 2, e 241, n. 1.

(3) António Franco, *Imagem... na Côrte de Lisboa*, pág. 61.

Hospital. Esta acção de cristianíssima caridade, conjugada com conversas edificantes, com a continuidade sempre crescente da prática da Confissão e com os conselhos atinentes, com o trato cotidiano, que tinham com gente da Nobreza e do Povo, com algumas práticas, que, apesar de instados, pouco exploraram por lhes não sobrar o tempo das numerosas confissões diárias, grangeou-lhes o título de apóstolos e santos padres. Julga-se que o primeiro, que por tal designação os apontou, foi o próprio Monarca, entusiasta admirador de tamanhas virtudes.

A família real partiu para Almeirim no meio do Outono desse ano, onde passaria o Inverno próximo; foram também os dois Jesuitas. Forneceu-lhes El-Rei aposentos e capela onde celebrassem Missa e evangelizassem. É tradição que aí evangelizaram activamente, como o fizeram em Lisboa (1).

D. João III, em vista da obra, e prevendo o futuro da sua continuação, pretendia manter em Lisboa os dois Padres. Francisco Xavier, de sabê-lo, andava pesaroso. Atribui-se ao Rei o projecto de criar em Coimbra um Colégio, onde eles ensinariam; era a ideia de realizar em Portugal a obra apontada por Diogo de Gouveia em Paris, e note-se que foi este Monarca português quem fixou em Coimbra a Universidade de D. Dinis (2). Francisco Xavier, apreensivo, escreveu a Inácio de Loiola, e participou-lhe que estava em risco de não partir para a Índia, objectivo superior que o tinha trazido a Portugal. Só depois de insistência de Loiola, em carta dirigida ao Rei, este decidiu que Francisco Xavier partisse ao seu destino para o Oriente, ficando todavia em Portugal Simão Rodrigues, pois este faria o que para os dois

(1) D. João I fundou um palácio com amplos jardins num lugar a que chamavam Al-meirim; D. Manuel ampliou-o e fez dele palácio de Inverno; os Nobres construíam casas suas para viverem com a Côrte; D. Manuel mandou construir uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição e fundou um hospital.

(2) A pretensão real de reter os padres em Portugal opunha-se de princípio o Cardeal D. Henrique, mais tarde seu acérrimo protector; apoiava-a o Infante D. Luís.

planeara no Reino; desta forma, obedecia ao primeiro desígnio, que era o de ter apóstolos na evangelização da Índia, e para lá enviou Francisco Xavier; e também satisfazia o desejo de iniciar a actividade escolar da Companhia, mantendo no Reino a Simão Rodrigues (1).

A 14 de Fevereiro desse ano de 1541, D. João III, ainda em Almeirim, escreveu ao Conde da Castanheira, D. António de Ataíde, para que tratasse de embarcação, cómodos e tratamento de Francisco Xavier e nomeasse pessoal que o servisse até à Índia. O Missionário despediu-se de El-Rei, assim que lhe foi dado conhecimento da decisão tomada. Não precisou de voltar à Quinta de Palma, porque a visita a D. Pedro de Mascarenhas em Outubro, antes de ir para Almeirim, teria sido já a sua despedida.

Referem tradições, relacionadas com a viagem de Francisco Xavier, que ele, antes de partir, foi ao Santuário de Nossa Senhora da *Nazaré*: a ter lá ido, o mais provável é que fizesse a viagem antes do regresso ou na ocasião do regresso a Lisboa. No Santuário implorou as bênçãos e a generosa protecção daquela Senhora, padroeira dos homens do mar, e dos pescadores especialmente (2). É este outro elo da tradição de S. Francisco Xavier em Portugal. Igualmente se afirmou que Francisco Xavier frequentava a igreja do Mosteiro da Anunciada, depois chamado de Santo Antão, na Mouraria, onde era devoto de Nossa Senhora do Bom Despacho (3).

Conhecida em Lisboa a partida do «apóstolo» para a Índia, deve ter acrisolado a «revoada de apostolado», que o povo e a Côrte já de sobejo acarinhavam, a ponto de levantar ciúmes e opposição de muitos.

(1) Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, páginas 234 e 244.

(2) Manuel de Brito Alão, *Antiguidades da Sagrada Imagem de Nossa Senhora da Nazaré*, Lisboa, 1628; Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, 261-262.

(3) António Franco, *Imagem da Virtude... na Côrte de Lisboa*, pág. 69; Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, pág. 274, n. 1.

O Rei saiu de Almetrim de volta a Lisboa, e estava na Capital no dia 9 de Março, para ainda falar com o seu Missionário. No dia 18 encontrou-se com ele e fez-lhe as derradeiras recomendações e o pedido insistente de informações, minuciosas e com frequência (1). Finalmente, embarcou em Belém na Praia do Restelo, a 7 de Abril seguinte, na presença do Rei, da Côrte e de muito povo, que pranteava o afastamento do seu amigo; fazia nesse dia 35 anos de idade. O Soberano recomendara os maiores cuidados a Martim Afonso de Sousa, que partia na nau Santiago a ocupar o cargo de Governador da Índia. Ao aceitar a tradição de Lisboa, Francisco Xavier teria prègado em Belém, num púlpito móvel de madeira, em plena praia. Gravuras antigas, de acordo com essa tradição, apresentam-no em cima do púlpito, junto do Tejo, com multidão de gente de todas as classes a ouvi-lo pela última vez. Foi este o último elo da cadeia preparatória das tradições, que se formaram em volta de Francisco Xavier; o prestígio criado na Índia, e já preparado no Reino, e depois a beatificação completada pela canonização da Igreja, ligaram todos estes passos; desenvolveu-se a pouco e pouco, pedra a pedra, o mito, que ultrapassou o homem e o santo.

Francisco Xavier morreu depois de dez anos de trabalhos incessantes, no cumprimento da vocação divina e dentro do espirito cristão de apóstolado, que lhe cometera D. João III em nome da Nação. Não seriam necessárias mais provas de alta visão política e de dedicação perfeita pelo seu integral cumprimento, para prestigiar por todos os tempos o reinado deste monarca português, além desta compreensão do problema do Oriente, cujas consequências estão bem patentes nos dias de hoje. É certo que esta acção primacial na Ásia, em que sobressai a personalidade extraordinária de S. Francisco Xavier, como traço de união entre Portugal e o seu Oriente, entre o passado e o presente, foi ampliada no Ocidente.

(1) Domingos Maurício, in *Brotéria*, vol. LV, pág. 461-463.

dente com a evangelização e organização do Brasil, assente ainda na actividade constante da mesma Companhia, que deu ao Rei Francisco Xavier.

A 6 de Maio de 1542 entrou a Companhia de Jesus em Goa na pessoa de Francisco Xavier, e com ele entrava o maior penhor do Oriente na comunhão cristã dos povos com Portugal (1).

II Até aqui os factos da história, que marcam os pontos a que se ligou a tradição popular, e paralelamente a tradição familiar de algumas casas nobres e de santuários e mosteiros, isto é, tradição que prendeu a Francisco Xavier, Clero, Nobreza e Povo.

1 — A vinda dos dois Jesuítas, na lenda popular, não foi separada, mas conjunta (2); segundo uma corrente dessa lenda, vieram de Almada e *atravessaram o Tejo a pé enxuto*, relacionando assim as pessoas dos dois companheiros com as velhas tradições portuguesas de factos semelhantes, entre os quais a visita da Rainha Santa, na margem santa-rena do Tejo, ao túmulo de Santa Iria, encoberto

(1) António Baião, «A Companhia de Jesus» in *História de Portugal*, edição de Barcelos, vol. III, 1931, págs. 293-304. Simão Rodrigues instalou-se com os seus companheiros no Mosteiro de Santo Antão, à Mouraria, no dia 5 de Julho de 1542; aí foi a primeira Casa da Companhia em Portugal; Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, págs. 285 e ss. Fundou o Colégio de Coimbra, por sugestão de D. João III; Francisco Rodrigues, *Id.*, págs. 257 e ss.; Domingos Maurício in *Brotéria*, págs. 460, n. 3. As joias de S. Francisco Xavier vieram a Portugal em fins de 1777 e voltaram para Goa; Teixeira de Aragão, *Descrição Geral e Histórica das Moedas*, Tomo III, pág. 59. *O Oriente Português*, 1.ª Série, vol. II, págs. 460 e ss.

(2) Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, página 245; Baltasar Telles, *Chronica da Companhia*, Vol. I, pág. 42; António Franco, *Imagem da Virtude... na Corte de Lisboa*, pág. 63.

pelas águas do rio (1); segundo outra corrente, os dois vieram de Tancos, rio abaixo, *sobre as capas estendidas à tona da água*, facto etnográfico também conhecido em Portugal, e atribuído a santos e homens beatificados pela aura popular (2).

2 — A passagem de Simão Rodrigues pelo *Hospital Real de Todos os Santos*, onde se aposentou por dias, arrastou consigo para a tradição de Lisboa a permanência de Francisco Xavier no mesmo local, quando sabemos que, vindo depois do primeiro, já este estava instalado na aposentadoria real (3). Todavia, a actividade no peditério e na visita aos doentes do Hospital ligou-os a ambos ao Hospital (4); e, como a lenda tem o efeito de juntar e concentrar o que anda disperso, tudo quanto os dois, e não um só, fizeram no Hospital, esta concentrou-se em Francisco Xavier, e no futuro mais se engrandeceu a ponto de criar e desenvolver o « mito popular ».

3 — A viagem ou as viagens à *Quinta de Palma*, de Simão Rodrigues, logo à chegada a Portugal, e de Francisco Xavier, pelo menos quando foi despedir-se de D. Pedro de Mascarenhas, deram origem à tradição de Setúbal: nela se contém a ida de Xavier com D. Pedro de Mascarenhas, quando vinham

(1) A passagem da Rainha Santa a pé enxuto pelo Tejo ao encontro do túmulo da Virgem mártir é o episódio final do Ciclo de Santa Iria e um dos do Ciclo da Rainha Santa: Luís Chaves, « A Memória de Santa Iria » in *Revista de História*, Lisboa, 1922, pág. 51.

(2) É o caso de Fr. João Hortelão, no Sul do Distrito de Bragança: para passar de monte a monte, atravessava os rios sobre o manto roto.

(3) Da estada de Francisco Xavier na aposentadoria real parece que nada ficou pela tradição popular; explica-se; para o povo o « santo varão » esteve sempre no Hospital de Todos os Santos, como vimos atrás; para a Família Real bastava a glória de o ter tido nos Estaus e em Almeirim; Casas Nobres, como a de Fronteira, nada tinham com a aposentadoria; o Colégio de Santo Antão estava satisfeito com a passagem do Apóstolo pelas casas do mosteiro em que se instalou.

(4) Apenas Simão Rodrigues morou temporariamente no Hospital: Pe. Francisco de Santa Maria, *Ceo aberto na Terra, História das Sagradas Congregações de Veneza e de S. João Evangelista em Portugal*, Lisboa, 1697.

por terra para Lisboa: o próprio António Franco julga de aceitar que o Embaixador tivesse levado o companheiro de viagem a descansar na sua Quinta de Palma; de lá teria descido de bergantim o Sado até *Setúbal*, de onde seguiriam para Lisboa. António Franco, biógrafo e animador da personalidade de Francisco Xavier, afirma que era tradição nos séculos xvii e xviii ter o Missionário desembarcado em Setúbal na praia contígua ao Castelo de S. Filipe, numa rocha a que se prendeu a memória do Santo (1). É de notar que a Cidade de Setúbal manifestou singular enlevo pela invocação do Santo; por força da tradição regional tomou por protector da Cidade e como tal o festejou publicamente a sua Câmara Municipal. É a única povoação de vulto que honrou generosamente a memória do Santo, que por lá passaria de corrida, mas fixou a sua memória.

4 — O mosteiro da encosta do Castelo em Lisboa, sobre a Mouraria, foi de irmãs terceiras da Ordem de S. Francisco, de invocação da *Senhora da Anunciada* ou da Senhora Anunciada; instalou-as D. Manuel; em 1515 ocupou as casas, parece que demasiado modestas, uma comunidade dominicana (2); mais tarde, estas freiras foram transferidas para o Mosteiro de Santo Antão, na Corredoura, conhecida por Portas de Santo Antão, no vale de Andaluz (3); em 1540 chegou Simão Rodrigues, e o mosteiro da Mouraria estava já vago: D. João III cedeu-lho; dois anos depois, a 5 de Julho de 1542, Simão Rodrigues instalou-se aí com os seus seis companheiros, e foi esta a primeira casa da Companhia em Portugal e mesmo em todo o mundo (4). Pois bem: andaram ligadas tradições deste mosteiro a

(1) Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, pág. 241 e ss.; António Franco, *Imagem da Virtude... na Corte de Lisboa*, págs. 261.

(2) Fr. Luís de Sousa, *História da Ordem de S. Domingos*, P. III, L. I C. III. Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, págs. 285 e ss.

(3) Fr. Luís de Sousa, *História de S. Domingos*,

(4) Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, páginas 285 e ss.

Francisco Xavier, conhecidas, pelo menos, até 1831. Tinha ele devoção especial por Nossa Senhora do Bom Despacho (1), que se venerava num altar da igreja monacal; note-se a relação da invocação com o desejo veemente do Jesuíta em ir para a Índia, o que estava a ver difícil e incerto, desde que D. João III o pretendia reter em Lisboa, sem o «despachar» para o Oriente; quem sabe se, depois do despacho, decidido no conselho real de Almeirim, não teria ido ao templo agradecer a Nossa Senhora do Bom Despacho a decisão do Monarca, a pedido reiterado de Inácio de Loyola (2).

Mas a tradição xaveriana desta Casa ainda não acaba aqui; mostrava-se nela um cubículo, onde Francisco Xavier teria morado; sabendo-se onde era a aposentadoria, que D. João III lhe deu, não é de acceitar esta tradição; ter-se-ia formado, porém, com algumas demoras de Xavier, que aí ou por aí se recolhesse; também no jardim ou cerca do mosteiro havia uma capela, onde Francisco Xavier se demorava em adoração; El-Rei D. Miguel visitou as ruínas dessa capela em 1831; orou diante de uma imagem mutilada, e impressionado com o abandono do lugar, e certamente com a manutenção da fama do Santo Apóstolo, mandou restaurar a Capela (3).

5-6 — Em *Almeirim* há vestígios do Paço real, fundado por D. João I, e talvez das moradias, postas com o templo ao serviço de Simão Rodrigues e Francisco Xavier; por D. João III, que lhes permitiu continuar ali a sua acção espiritual de Lisboa. A via-

(1) Escreveu Fr. Agostinho de Santa Maria no *Santuário Mariano*: «Alli esteve San Francisco de Xavier, em quanto não fez viagem para o Oriente; e alli tinha grande devoção com a milagrosa Senhora da Encarnação, e com a Senhora do Bom Despacho».

(2) Cfr. Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano*, Vol. II, pág. 425; Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, Braga, 1868 (2.^a ed.), Vol. IV, pág. 409; António Franco, *Imagem da Virtude... na Côte de Lisboa*, pág. 69; Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, pág. 274, n. 1.

(3) Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, paginas 262 e 274, n. 1.

gem ao santuário de Nossa Senhora da *Nazaré*, aonde Francisco Xavier foi implorar o auxíllio da Virgem para a sua viagem próxima, deu origem à tradição da cura da alma e do corpo de um fidalgo, que saíra de violento desafio com feridas mortais (1).

7 — Outra tradição xaveriana fixou-se no Palácio dos *Marqueses de Fronteira*, em S. Domingos de Benfica. O palácio foi fundado pelo primeiro Marquês de Fronteira, segundo Conde da Tôrre, D. João de Mascarenhas, um dos chefes militares mais aguerridos e pundonorosos das Guerras da Restauração. Estas obras decorreram desde 1671 ou 72 até 1678; a capela tem uma pedra com a inscrição de 1584; novo, reedificado ou restaurado, que fosse, o edificio, manteve-se todavia com respeito a pedra, talvez referente à cronologia de antigo pavilhão de caça no mesmo lugar. Ora a tradição, ainda conservada na família, diz que Francisco Xavier, na véspera do embarque para a Índia, celebrara ali a última Missa em Lisboa, e deixara ficar o barrete. Se a tradição corresponde à realidade, havia ali uma capela, que seria a do pavilhão de caça, embora a data de 1584 seja posterior à partida do Missionário, em 1541. Uma hipótese: teria sido construída naquela data ou aumentada a capela, em homenagem ao Apóstolo? A capela é dedicada a Nossa Senhora dos Desamparados; por isso tem a sua imagem no altar mor; do lado do Evangelho, no pequeno santuário, há um altar com a imagem de S. Francisco Xavier; se a tradição familiar afirma que foi nele que o Apóstolo da Índia celebrou a Missa, pode muito bem ser que no lugar deste houvesse outro, antes da construção ou reconstrução da antiga, assim sobre o chão e paredes da anterior. «Como explicar então (pergunta Cassiano Neves) que S. Francisco Xavier, conforme é tradição, ali tivesse celebrado a sua última missa antes de embarcar para a Índia, quando ele deixou

(1) Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, pág. 261, texto e nota donde cita Manuel de Brito Alão, *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa Senhora da Nazareth*, Lisboa, 1628.

Portugal no ano de 1541, isto é, quarenta e três anos antes da data marcada na capela?»

Interrompo a citação para manifestar que, no meu parecer, a última missa do Apóstolo teria sido celebrada na basílica do Mosteiro dos Jerónimos, no dia do embarque. Não haverá notícia histórica, ou terá escapado aos frades, povoadores da Casa, esta informação; é estranho que assim seja, de tão ciosos que todos se mostraram na glória da passagem e do acolhimento de Francisco Xavier.

«Isto faz-nos supor (continua Cassiano Neves) que tenha havido transformação grande de outra capela anterior...» (citação de um passo de Gabriel Pereira, em *Pelos subúrbios e vizinhanças de Lisboa*). Esta tradição, que para alguns será pura fantasia, tem foros de verdadeira pelas relações íntimas entre os Mascarenhas e os dois primeiros jesuitas chegados a Portugal». Refere-se à acção de D. Pedro de Mascarenhas em Roma. ⁽¹⁾

Na aceitação da presença do Apóstolo em Benfica, tem-se dado outra interpretação ao episódio xaveriano: a missa teria sido, não na capela dos Marqueses, mas no próximo templo do Mosteiro de S. Domingos; é, em todo o caso, uma interpretação moderna, ou seja de quem procura afirmar a tradição criada, e negar, por falta de provas, a correlação com a da Casa dos Marqueses.

8 — No dia do embarque, Francisco Xavier prègou na praia do Restelo o sermão da despedida. Levaram-lhe, do Mosteiro dos *Jerónimos*, ⁽²⁾ um púlpito de madeira, do alto do qual falou ao Rei, à Corte e ao Povo, que se lamentava da partida do «Santo».

(1) José Cassiano Neves, «Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira: Um pouco de História: Notas Gerais», in *Ocidente*, Lisboa, 1940, Vol. X, págs. 251 e 252, Gabriel Pereira, *ob. cit.* pág. 48.

(2) «O convento de Belém, cabeça da muyto reformada Ordem do grande Doutor S. Jerónimo... Neste sitio pois que antigamente se chamava Restello, está situada a magnífica e Real Casa de Nossa Senhora de Belém, obra digna da grandeza del Rey D. Manuel...» Fr. Agostinho de Santa Maria, *Santuario Mariano*, Liv. I, pág. 113.

Esse púlpito foi guardado nos Jerónimos, a que por ventura pertencia; aí esteve até ao século XVII, o que mais leva a tê-lo por pertença do Mosteiro, pois que do contrário, dada a áurea fama do Apóstolo e da sua canonização nacional, antes mesmo da que official e ritualmente a Igreja sancionou, o proprietário, a ser outro, certamente o teria reclamado. Este púlpito saiu depois dos Jerónimos, a pedido de D. Catarina de Bragança, quando regressou a Portugal, vinda do trono de Inglaterra; pediu-o certamente com o penhor da sua gerarquia, e levou-o para o Paço da Bemposta, em que se instalou depois de construído. (1)

Apareceu mais tarde, não se sabe se o mesmo, se outro, um púlpito movel também e de madeira, em que, afirmava-se convictamente, o Santo prègara. Estava guardado na tribuna da Marquesa de *Abrantes*, na Igreja de Santos-O-Velho. (2) Por 1868, depois do falecimento da Marquesa D. Maria Rita Correia de Sá, o púlpito foi vendido a Cristiano José Vicente; por 1918, vendeu-o este a António Mário Almeida Brandão, que o levou para a sua capela particular de Beiriz, no Minho, onde o conservou.

9—O apostolado, que Francisco Xavier começou em Lisboa e o impôs à estima popular, continuou a bordo da nau Santiago, que o levou à Índia. É tradição que foi ele quem compôs as cantigas entoadas depois nas naus da Índia; conta o P.º Fran-

(1) D. Catarina de Bragança, quando regressou de Inglaterra a Lisboa, viveu em palácios diversos; antes de fixar residência em casa própria no Paço da Bemposta, esteve em Belém no Palácio dos Condes de Aveiras, depois comprado por D. João V; é possível que, durante a estadia em Belém, tivesse conhecido o púlpito e se empenhasse devotamente em o levar para a Bemposta.

(2) Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, página 271 no seguimento da nota 1 de pág. 270. Aí formula a pergunta: estes dois púlpitos, em lugares diferentes, não será o mesmo de Belém? A casa do último possuidor foi vendida por ele: ignoro se o púlpito lá ficou.

cisco de Sousa, que, no tempo em que fez esta mesma viagem, se mantinham as cantigas na prática da gente do mar, com palavras portuguesas e castelhanas, naquela confusa linguagem do Santo por esse tempo. (1)

10 — Formou-se a iconografia do Santo; representava-o nos «registos de Santos» com a roupeta, de Crucifixo na mão, em atitude de catequista; era a feição predominante. A comunicabilidade dos «registos» facilitava o culto do Santo e difundia-lhe a devoção. (2) Nas fachadas das casas de Lisboa notava-se a influência desta aura sagrada. O «mito popular» estava formado, e a Igreja, santificando o herói, glorificou-o em seu Apostolado oriental. Nos painéis de azulejos nas frontarias dos prédios aparecia, entre outras, a imagem de S. Francisco Xavier; pode ainda ver-se um exemplar de 1756 no Bêco de Alfama, com a imagem central de Nossa Senhora da Conceição e as de S. Marçal, Santo António e S. Francisco Xavier.

Este conjunto de tradições de Lisboa, relacionadas com a passagem de S. Francisco Xavier pela Capital, divide-se em grupos, consoante o próprio

(1) P.º Francisco de Sousa, *Oriente Conquistado*, 2.ª ed., Vol. I, pág. 16.

(2) O tipo iconográfico dos «registos» variou: — 1 de pé, levanta o Crucifixo com a mão esquerda e aponta-o com a direita; — 2. segura o bordão deromeiro contra o peito com o antebraço direito, e segura na mão esquerda o coração ardente (legenda: *Dimidium cernis quem magnum suspicit orbis: Xavier est: totum nulla tabella capit*) ou abre com as duas mãos abrem as vestes para patentear o peito e tem o bordão entre o antebraço direito e o corpo; — 3. os da Índia apresentam-no em effigie no túmulo. Há exemplares destes tipos na colecção do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Luís Chaves, «Registos de Santos», in *O Archeologo Português*, Vol. XXI, Lisboa, 1916, págs. 92-93. Registos de Nossa Senhora do Bom Despacho, igualmente nesse Museu: Id. *O Archeologo Português*, pág. 66; do mesmo A. «Registos de Santos de Lisboa», in *Anals das Bibliotecas e Arquivos*, Vol. XVIII, Lisboa, 1944, pág. 99.

conteúdo delas: umas, as mais imaginativas e surpreendentes, são populares, como as da dupla feição da chegada dos Apóstolos, «os frades santos», a Lisboa, pelo Tejo, e bem assim as que adulteraram as viagens e as passagens deles nas suas actividades; outras, as que andam ligadas a Casas de famílias nobres, foram criadas e mantidas no seio dessas famílias, quer, por pertencerem à Côrte ou estarem em íntimas relações com ela, conhecessem os dois Jesuítas, sem que os tivessem recebido ou tendo-os acidentalmente agasalhado, quer se pretendessem ilustrar com o prestígio do Santo, depois da sua morte e especialmente após a canonização, e lançassem a semente da nobilitante tradição na família; ainda outras, como as do Mosteiro de Santo Antão, podem ter nascido mesmo no ambiente do Colégio da Companhia, pela exaltação do culto do Santo e da sua tradicional devoção pela Senhora do Bom Despacho na capela do Mosteiro.

A tradição da Nazaré terá sido possivelmente mista, por parte dos devotos do Santuário e pela da família do fidalgo socorrido miraculosamente pelo Missionário ilustre. Toda esta flama de devoção, como em tantos ou todos os outros casos do mesmo teor, iluminou a alma portuguesa no conhecimento crescente da obra missionária do Oriente e das suas consequências extraordinárias para Portugal, ainda hoje sensíveis, e acentuou-se depois da canonização. O Missionário era já Santo da Igreja.

Outras tradições se formaram e tiveram sua realização própria, mas fora de Lisboa; já não cabem nesta rubrica.

Todavia, não resisto a mencionar algumas delas, pela estreita ligação, que têm com a vida do Santo, e pelo que representam na divulgação e no pormenor local do seu culto.

A mais duradoura ainda destas formas de acatamento pessoal pelas virtudes e aura do grande missionário ficou vincada no proveito do nome dele, desde o séc. xvii após a canonização; se a densidade maior é na Índia Portuguesa, como o requereu a especial devoção de lá, foi notável na Metrópole, quer entre o Povo, quer na Nobreza e no Clero.

Bastará verificar na *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa Machado, o número de homens de letras, religiosos e leigos, que aí figuram. E desde então até hoje, foi adoptado o nome do Santo por inteiro, com as duas partes ligadas ou intermeadas, ou só o apelido; ora é Francisco o nome de baptismo, ora está em segundo ou terceiro lugares, e mais adiante em nomes compridos: *Francisco Xavier; Francisco Xavier...; ... Francisco Xavier; ... Francisco Xavier...; ... Francisco Xavier...; ... Xavier; etc.*

Entre os milagres atribuidos a S. Francisco Xavier conta-se o do caranguejo, que, numa viagem por mar, trouxe ao Missionário um Crucifixo, caído às águas. Foi representado numa das chapas do túmulo de prata do Santo em Goa. Conta-se que este Crucifixo veio para Portugal e esteve em Coimbra, no Colégio da Companhia, e aí se via ainda em 1759; desapareceu de lá, para depois se ver na Capela Real de Madrid (1).

Conta Sousa Viterbo que «em 1622 celebraram os jesuitas pomposamente, em diversas cidades do continente e das ilhas, a canonização de S. Francisco Xavier. Em Bragança, na praça junto à igreja, houve um desafio muito festejado entre a *folia* de Villa Real e de Bragança, sôbre qual tinha melhores vozes e pandeiros, tambor mais destro, e melhores peças de dança e música. Os juizes do certamen dividiram as opiniões, dando o prémio a Bragança na destreza e arte do tambor, e a Villa Real pelas vozes e pandeiros. Em outras cidades efectuaram-se lutas identicas» (2). Não sei se por este episódio, como tantas vezes acontece nos costumes populares, foi criado e continuado em qualquer lugar o festejo em honra do Santo.

Em Setúbal fizeram-se durante muitos anos festas pomposas em honra do padroeiro da Vila (hoje Cidade), promovidas pela Câmara Municipal,

(1) Francisco Rodrigues, *História da Companhia*, Tomo I, Vol. II, pág. 236 e n.º 2.

(2) Sousa Viterbo, in *O Instituto*, Coimbra, 1918, Vol. 65, pág. 591.

No *Calendário do Apostolado da Imprensa* de 1951 foram publicadas estas «Trovas Madeirenses», em feição de romance popular de tipo vulgar, meio romance, meio oração:

Quando ia por aqui abaixo
Na manhã do S. João,
Encontrei Nossa Senhora
C'um ramo de loiro na mão:
E lhe pedi um raminho,
Ela me *dixe* que não;
E *lo* tornei a pedir,
Ela me deu *sé* cordão,
Que me dava sete voltas
À roda do coração.
— S. Francisco Xavier,
Desatai-me este cordão,
Que me deu Nossa Senhora,
A Virge da Conceição... (1)

(1) Porto, dia 17 de Julho de 1951. Em Barcelos recolheu o P.^e António Gomes Pereira uma oração de «ao levantar», que é do teor desta; em vez do recurso a S. Francisco Xavier tem-no a S.^{to} António. *Tradições populares, linguagem e toponímia de Barcelos*, Esposende, 1915, pág. 12-13.